



A Rhede Tecnologia de Brasília vai vender modem no disputado mercados dos Estados Unidos

Modem brasiliense chega ao mercado americano

Até o final do ano modems produzidos no Brasil começarão a ser exportados para os Estados Unidos. Poderá ser o começo da abertura de um novo e grande mercado para os produtos brasileiros na área de informática. Quem está preparando a proeza, inimaginável até pouco tempo atrás, é a Rhede Tecnologia, de Brasília.

Os números da Secretaria Especial de Informática situam a Rhede como a terceira maior fabricante brasileira de modems. Mas os dados podem estar desatualizados, segundo o diretor-superintendente da empresa, Oscar Akio Nawa. "Pelos dados que temos — diz ele —, neste momento nós estamos disputando a primeira colocação".

É provável. A Rhede é uma das poucas empresas brasileiras, na área de informática, que conseguiram passar incólumes pelo Plano de Estabilização da Economia, até aqui. Ao invés de reduzir sua produção, a empresa aumentou-a. Ao invés de demitir pessoal, contratou cinquenta novos empregados nestes dois últimos meses. Não teve qualquer encomenda suspensa ou cancelada e, só em carteira, para atendimento nos próximos meses, tem pedidos superiores a 20 milhões de dólares.

O segredo pode estar no fato de que a empresa produz um equipamento indispensável aos bancos informatizados e às grandes empresas de comunicações, como a Telebrás. O mo-

dem é um pequeno aparelho ou placa que funciona como se fosse o telefone do computador. Através do modem o computador se comunica com outro computador, via linha telefônica. O que o modem faz é transformar os sinais do computador em sinais de telefonia e vice-versa. A palavra modem vem das letras iniciais das palavras "modular" e "demodular". O fato é que sem o modem torna-se impossível até mesmo consultar o saldo de uma conta corrente nas agências bancárias informatizadas.

Desde o ano passado a Rhede está de olho no mercado norte-americano. Ela fez uma pesquisa por lá, tentando encontrar um nicho de mercado — algum segmento que eventualmente os norte-americanos ainda não tivessem preenchido. Foi com um procedimento idêntico que a Embraer viabilizou suas exportações do avião Bandeirante.

"Acho que encontramos o que procurávamos", supõe Oscar Nawa. Mas, por enquanto, o resultado da pesquisa está sendo guardado a sete chaves. Pode ser que o segredo esteja entre os doze diferentes tipos de modems que a empresa fornece ao mercado nacional, e cuja capacidade de operação vai de 320 bits por segundo até 19 mil 200 bps. Mas isso a concorrência só vai saber ao certo daqui a alguns meses. Por enquanto, a empresa mostra apenas que está com muito apetite ao contemplar um mercado cem vezes maior que o

brasileiro. "Se conseguirmos abocanhar 1 por cento dele, teremos criado um novo mercado com o mesmo tamanho do brasileiro" — calcula Oscar Nawa.

Os projetos são inteiramente nacionais. A idéia de produzir modems em Brasília nasceu há pouco mais de seis anos, quando Nawa, ex-professor do ITA (São José dos Campos), se uniu a dois outros técnicos e alugou duas salas em cima de uma padaria, na Asa Norte de Brasília. Pretendiam apenas projetar novos chips e vender os projetos, mas como não encontraram compradores, resolveram aceitar o desafio da produção. Hoje a fábrica Rhede ocupa uma área de três mil 800 metros quadrados no Setor de Indústria e emprega 300 pessoas. Em 1988 ela faturou 12 milhões de dólares. Sofreu uma retração forte no ano passado, quando vendeu apenas 4,5 milhões de dólares, mas recuperou-se já no início de 1990.

Os dirigentes da empresa atribuem o sucesso à aplicação prática de três conceitos: tecnologia, qualidade e pronto atendimento. E explicam: a grande preocupação, desde o início, foi sempre utilizar a tecnologia mais avançada, mas garantindo qualidade uniforme, qualquer que fosse a escala adotada. Já o conceito de pronto atendimento se traduz na garantia de que os produtos não somente funcionam bem e por muito tempo, como são substituídos ou reparados com a máxima rapidez quando isso se torna necessário.